

Final de ano!

É muito engraçado como os homens (espécie, não gênero!) curtem os finais de ano como se não fossem dias quaisquer. A criação do tempo pelo ser humano, para medir suas atividades diárias, sempre gera um final, muito caracterizado pela própria morte corpórea do *homo sapiens*. E isso significa “Ano Novo, Vida Nova”. Ninguém comemora o ano que passou, mas sim, o ano que virá. Os cristãos não comemoram a morte de Cristo (rezam por ela), mas o dia em que ele nasceu. Acreditando ou não em sua história, Jesus foi realmente um cara bacana, ensinou que amar o próximo é melhor que amar a si próprio (o que um psicólogo chamaria de egoísmo), que ninguém ganha uma briga, que mais vale um acordo mal feito que um bom advogado (me perdoem os doutores), que o menor caminho entre dois pontos é o conhecido e coisas do tipo. O que, por acaso, muitos gurus têm usado para orientar seus aprendizes (eu mesmo uso direto). Aliás, orientar que vem de “oriente”, ou melhor, estrela do oriente, que por acaso nem é vista do hemisfério sul de nosso planeta azul. Se não vemos essa estrela, somos uns desorientados na concepção máxima da palavra. E só há uma forma de nos orientarmos durante as noites de calmaria, quando tudo parece parar, ou em noites de tempestade horrenda, quando tudo parece desabar. **Ser Feliz!** Engraçado isso, mas ser feliz, não estar feliz, em português (aliás, verbos que têm o mesmo significado entre os saxões), é realmente a única forma de fazermos de nosso tempo limitado nesse mundo (mesmo que não exista outro) uma utilidade aos outros. É o que chamamos de amor. Que um dia sonhei ser uma coisa incondicional apenas para pais e mães, mas não é verdade. Do que somos feitos (todos e tudo) sem exceção, quarks e leptons (que para quem não conhece são, por enquanto, os blocos fundamentais da matéria que conhecemos – por favor, matéria energia, não aquela da escola ta? E os elétrons, pósitrons, muons pi e outras coisinhas) se amam tanto, que sua relação não se apaga desde os primórdios de nosso universo, talvez entre dezoito e vinte bilhões de anos (Caramba, que casamento duradouro hein?). Universo esse que acredito ser fechado e cíclico, significando que tudo voltará um dia a seu estado original, então, mesmo se acreditares que não existirás mais, nos veremos de novo com certeza e na minha concepção. Ver de novo! Como é bom ver, no sentido de enxergar somente não, no sentido de sentir. Como é frágil e forte, ao mesmo tempo (o cientista diria dualidade), a relação da luz com o ser que somos. Luz? Que tenhamos muita luz, quando o tempo desse ano passar e o outro vier, e muito amor, para distribuirmos o máximo que pudermos. É a única coisa que importa!

Eu amo você! E isso é atemporal. (Trocadilho ridículo não?)

Beijos milhões,

Boizinho

Marcelo Sant'Anna